

Mais de 500 milhões de livros vendidos no mundo

NORA ROBERTS

BAÍA DOS SUSPIROS

Os Guardiões
LIVRO 2



Meu coração é como um pássaro cantante
 Cujos ninhos ficam em um junco;
Meu coração é como uma macieira
 Com o tronco vergado de frutos.

– CHRISTINA ROSSETTI

A sorte favorece os corajosos.

– TERÊNCIO

PRÓLOGO



A HISTÓRIA FOI CONTADA AO LONGO DAS GERAÇÕES, EM CANTO E PROSA, até o tempo transformá-la em mito e lenda. Alguns queriam acreditar nela, pois lendas trazem conforto.

Outros sabiam que a história era verdadeira.

Que em outro tempo, em um mundo tão antigo quanto o mar, três deusas da lua criaram três estrelas para honrar e celebrar uma nova rainha. Uma estrela de fogo, uma estrela de água e uma estrela de gelo, destinadas a brilhar sobre todos os mundos, estrelas que criaram vida a partir dos desejos de um coração forte, uma mente forte e um espírito forte.

Essas deusas os mundos, vigiando deuses e semideuses, mortais e imortais. Embora fossem da luz, conheciam guerra e morte, sangue e batalhas.

Havia também outra deusa, da escuridão, de coração envenenado pela cobiça insaciável. Nerezza, a mãe das mentiras, amaldiçoou as estrelas, embora as desejasse. Na noite em que foram criadas, lançou-lhes um feitiço enquanto eram alçadas ao céu. Um dia as estrelas cairiam do arco brilhante que desenhavam ao redor da lua.

Quando possuísse todas as três e detivesse seus poderes, a lua morreria, a luz findaria e Nerezza reinaria sobre a escuridão.

Então as deusas da lua – Celene, a vidente; Luna, a gentil; Arianrhod, a guerreira – uniram seus poderes mágicos para proteger as estrelas.

Tarefas como essa, porém, exigem sacrifício e coragem, além de uma grande carga de esperança.

As estrelas cairiam; elas não podiam impedir esse destino. Mas cairiam sem serem vistas, e permaneceriam ocultas em outro mundo até o momento em que aqueles que vieram delas se uniriam para buscá-las e protegê-las.

Seis guardiões, que arriscariam tudo para mantê-las longe das mãos diabólicas de Nerezza.

Para salvar a luz e a todos os mundos, os seis se uniram e dedicariam tudo que eram a essa busca e a essa batalha.

Agora, vindos de terras distantes, os seis haviam se encontrado. Tinham criado laços de lealdade, derramado sangue e dado o seu próprio para encontrar a primeira estrela.

Por isso, as deusas se reuniram na mesma praia de areia branca onde haviam conjurado as estrelas, a partir de alegria e esperança. Dessa vez, viram-se sob uma lua cheia e branca como neve, despontando no céu escuro.

– Eles venceram Nerezza. – Luna segurou a mão das irmãs. – Encontraram a Estrela de Fogo e a afastaram.

– Esconderam-na – corrigiu Arianrhod. – E muito bem. Mas nenhuma das estrelas estará de fato fora do alcance dela enquanto não voltarem para casa.

– Eles a derrotaram! – insistiu Luna.

– Sim, por enquanto. Lutaram bravamente, arriscaram tudo, dedicaram-se por inteiro à busca. Mas...

Ela olhou para Celene, que assentiu.

– Sim, vejo mais sangue, mais batalha, mais medo. Luta e escuridão, em que dor e morte terríveis podem surgir em um instante e durar uma eternidade.

– Eles não se renderão – disse Luna.

– Provaram que têm coragem. E a coragem é mais real quando há medo. Não duvido deles, irmã. – Arianrhod olhou para a lua, para o lugar onde, tanto tempo antes, três estrelas brilhantes estiveram dispostas em curva. – Mas também não duvido da avidez e da fúria de Nerezza. Ela vai caçá-los e atacá-los sem descanso.

– E aliciará um mortal. – Celene olhou para o mar, que mais parecia vidro preto, e viu as sombras do que poderia acontecer. – Um mortal cuja avidez se equipara à dela. Ele já matou, e matará novamente por bem menos que as Estrelas da Sorte. É como veneno no vinho, uma lâmina na mão estendida para um cumprimento e dentes cortantes por trás de um sorriso. E, sob a influência de Nerezza, será uma arma rápida e afiada.

– Precisamos ajudá-los – ponderou Luna. – Concordamos que eles provaram seu valor. Precisamos ter meios de ajudá-los.

– Você sabe que não podemos – lembrou-lhe Celene. – Todas as escolhas devem ser feitas sem nossa interferência. Por enquanto, fizemos tudo que podíamos.

- Aegle não é a rainha deles.
- Sem Aegle, sem este lugar, sem a lua e sem nós, que a honramos, eles não teriam nenhum mundo. O destino deles e o nosso, todos os destinos, estão nas mãos dos seis.
- Eles são nossos. – Arianrhod apertou a mão de Luna, num gesto reconfortante. – Não são deuses, mas são mais que mortais, cada qual com seu próprio dom. Eles lutarão.
- E, tão importante quanto lutarem, eles pensarão e sentirão. – Celene deu um suspiro. – E amarão. Mente, coração e espírito são armas tão importantes quanto espadas, presas e até mesmo magia. Estão bem equipados.
- Então, confiemos. – Entre suas irmãs, Luna ergueu o rosto para a lua.
- Que nossa confiança lhes sirva de escudo. Tal como somos guardiãs dos mundos, eles são guardiões das estrelas. São esperança.
- E coragem – acrescentou Arianrhod.
- E inteligência. Vejam. – Sorridente, Celene apontou para o redemoinho de cor que riscava o céu naquele momento. – Eles passam por nós, por nosso mundo, dirigindo-se ao próximo. A uma outra terra, à segunda estrela.
- E que todos os deuses de luz os acompanhem – murmurou Luna, e enviou sua própria luz.

1



POR UM INSTANTE BREVE COMO UM ÚNICO BATER DE ASAS, ANNIKA sentiu o cheiro do mar e ouviu vozes entoando uma canção. Logo essas sensações se extinguíram, fugazes em meio àquele borrão de cor e velocidade, mas as impressões cresceram em seu coração como o amor.

Em seguida veio um suspiro, ecos de suspiros, outro tipo de música. Agridoce. Que a banhava como lágrimas.

Assim, com alegria e tristeza mescladas no coração, ela sentiu que caía. O corpo se dobrando e girando, a uma velocidade que gerava ao mesmo tempo um arrepio de euforia e um breve pânico.

Então, soou um bater de milhares de asas, que formava um vento fustigante e uma parede de som. As cores se apagaram de repente quando ela aterrissou, o impacto repentino lhe tirando o fôlego.

Temeu ter ido parar nas profundezas escuras de uma caverna cheia de aranhas e, pior ainda – muito pior –, com Nerezza à sua espera, pronta para atacar.

Então sua visão clareou. Distinguiu sombras e o que conhecia como o luar. Sentiu o corpo firme embaixo de si, os braços fortes que a envolviam. Conhecia aquele corpo, aquele cheiro, e quis se aninhar nele, estivesse Nerezza por perto ou não.

Era incrível, uma emoção irradiante, sentir o coração dele batendo tão rápido e forte.

Ele se ajeitou um pouco, uma das mãos subindo pelo corpo dela, depois descendo pelos cabelos. A outra roçou deliciosamente sua bunda.

Ela se aconchegou.

– Hã... – Então as mãos a seguraram pelos ombros, mas a voz estava perto de seu coração. Dava para sentir no peito a respiração dele. – Você está bem? Não se machucou? Estão todos bem?

Só então ela se lembrou dos amigos. Não que os tivesse esquecido, de jeito nenhum; mas é que nunca havia se deitado com um homem – com Sawyer – daquele jeito tão íntimo e estava achando muito, mas muito bom mesmo.

Ouviu resmungos, breves gemidos, alguns xingamentos. A voz de Doyle, próxima e irritada:

– Merda!

Não se preocupava com Doyle. Afinal de contas, ele era imortal.

– Respondam! – Era Bran. Devia estar a alguns metros dela. – Todos aqui? Sasha está comigo. Riley?

– Que viagem louca!

– Tão louca que você acabou dando com o joelho no meu saco – acrescentou Doyle.

Annika ouviu um baque, que interpretou como Doyle se desvencilhando de Riley e de seu joelho. Ela aprendera que “saco” também podia ser uma região sensível do corpo masculino.

– Estou aqui! – gritou ela, e experimentou se mexer um pouco debaixo da região sensível de Sawyer. – Caímos do céu?

– Quase isso. – Sawyer pigarreou e, para o desapontamento de Annika, saiu de debaixo dela, sentando-se. – Não consegui desacelerar. Nunca levei seis pessoas, muito menos a uma distância dessas. Acho que perdi o controle na descida.

– Estamos todos aqui, isso é o que importa – disse Bran. – Resta saber se chegamos aonde queríamos.

– Estamos em um lugar fechado – observou Sasha. – Vejo janelas e o luar vindo lá de fora. Seja onde for, é noite.

– Espero que Sawyer e sua bússola do tempo tenham nos trazido para o tempo e o local corretos – disse Riley, e se levantou. – Vamos descobrir.

Riley, a cientista... a *arqueóloga*. Annika pronunciou a palavra mentalmente, porque em seu povo, o das sereias, não tinha nada com que compará-la. Tampouco tinha licantropos, lembrou. Não existia nada nem ninguém como Riley no mundo de Annika.

A Dra. Riley Gwin – aquela mulher forte, magra, porém de músculos definidos, com um chapéu de abas largas, que, sabe-se lá como, permanecera em sua cabeça – seguiu resoluta até a janela.

– Vejo água, mas não é a vista de nossa villa em Corfu. Estamos a uma altitude maior. Vejo uma estrada estreita e íngreme. A alguns degraus da-

qui. Tenho certeza de que é Capri e de que esta é a casa. Na mosca, Sawyer. Parabéns ao piloto e à sua bússola mágica.

– Obrigado.

Ele se levantou e, após hesitar por um instante, estendeu a mão para Annika. Embora tivesse pernas fortes e ágeis, ela aceitou a ajuda para ficar de pé.

– Vou ver se encontro os interruptores – disse Riley.

– Posso ajudar.

De pé e com um braço ao redor de Sasha, Bran estendeu a mão e fez surgir um globo de luz, que iluminou o ambiente.

Ver seus amigos alegrou o coração de Annika, como a canção fizera. Sasha, a vidente de cabelos da cor do sol e olhos celestiais; Bran, o bruxo, tão bonito, iluminado por sua magia; e Riley, a mão na coronha do revólver que trazia à cintura, de prontidão, os olhos de um tom escuro de dourado atenta a tudo ao mesmo tempo; Doyle, o eterno guerreiro, já com a espada desembainhada.

E Sawyer, sempre Sawyer, com a bússola do viajante na mão.

Ainda que carregassem os ferimentos da última batalha, estavam a salvo e juntos.

– Esta é nossa nova casa? – perguntou Annika. – É linda.

– Se Sawyer não errou o endereço, eu diria que, sim, esta é nossa nova base – respondeu Riley, afastando-se da janela, embora mantivesse a mão na arma.

Havia almofadas coloridas sobre uma cama comprida; cama, não, lembrou Annika: sofá. E cadeiras e mesas, com belas luminárias. O piso tinha grandes ladrilhos da cor da areia banhada pelo sol.

Riley foi até uma das luminárias e a acendeu com a magia da eletricidade.

– Preciso me situar, ter certeza de que estamos no lugar certo. Não queremos uma visita da *polizia*.

Ela saiu da sala por uma larga passagem em arco. Segundos depois, mais luzes foram acesas. Doyle embainhou a espada e foi atrás dela.

– Ao que parece, todas as nossas coisas estão aqui – comentou Annika. – Pelo visto, tiveram um pouso mais suave que o nosso.

Riley espiou pela abertura. Não sabia como chamar aquele espaço, com uma grande porta de frente para o mar e arcos que levavam a outros ambientes, mas as malas e as caixas deles estavam todas reunidas no centro.

Murmurando um xingamento, Doyle ergueu sua moto.

– Tive que largar nossas coisas primeiro para não cairmos bem em cima delas ao aterrissarmos – explicou Sawyer. – E aí, Riley, acertei na mosca?

– Tudo se encaixa na descrição que me passaram – respondeu ela. – O entorno também. Deve ter uma sala de estar grande em algum lugar, com portas de vidro levando a... Ah, aí está.

Mais luzes foram acesas, revelando, como Riley acabara de dizer, uma sala ampla, com mais sofás, cadeiras e belos objetos. Mas o melhor de tudo era a grande vidraça que praticamente trazia para o interior da casa o céu e o mar.

Annika foi correndo abri-la, mas Riley a impediu.

– Não! Ainda não. Tem um sistema de alarme. Eu tenho a senha, precisamos desativá-lo antes de abrir qualquer janela.

– Aqui está o painel – disse Sawyer, tamborilando na caixinha.

– Só um segundo – pediu Riley, pegando um papel do bolso. – Não quis confiar na memória, porque a viagem podia embaralhar meu cérebro.

– O teletransporte não confunde o cérebro.

Sorrindo, Sawyer bateu com os nós dos dedos na cabeça de Riley enquanto ela digitava o código.

– Agora pode abrir – anunciou Riley.

Annika saiu para um amplo terraço onde havia noite e lua, mar e cheiro de maresia, tudo perfumado com o aroma de limão e de flores.

– É lindo! Nunca tinha visto do alto.

– Já tinha visitado Capri? – perguntou Sawyer.

– Só o mar, onde há cavernas azuis e destroços antigos de navios. Flores! – Ela estendeu a mão para tocar as pétalas de cores vívidas que transbordavam de grandes vasos. – Posso regá-las e cuidar delas. Pode ser minha tarefa.

– Combinado. Este é o lugar. – Satisfeita, Riley pôs as mãos na cintura. – Parabéns de novo, Sawyer.

– Por via das dúvidas, é melhor a gente dar uma conferida.

Bran estava à porta do terraço, examinando o céu com seus intensos olhos escuros.

Nerezza geralmente vinha do céu.

– Vou colocar uma proteção mágica por cima do sistema de alarme. Ela ficou ferida, então é improvável que já tenha se recuperado, nos encontre e venha de novo esta noite. Porém, vamos dormir mais tranquilos tendo algo mais que o sistema de alarme.

– Vamos nos separar – disse Doyle, concordando. Seus cabelos escuros se encontravam revoltos ao redor do rosto belo e sério. – Temos que dar uma olhada na casa, conferir se está mesmo tudo limpo.

– Pelo que sei, são dois quartos aqui embaixo, mais quatro no andar de cima e outra sala. Nada tão grande e luxuoso quanto o que tínhamos em Corfu, e sem toda aquela área externa.

– E sem Apolo – lembrou Annika.

– Sim. – Riley sorriu. – Vou sentir falta daquele cachorro. Mas é espaçosa e bem localizada. Vou dar uma olhada lá em cima.

– Você quer ser a primeira a escolher o quarto, né? – provocou Sasha.

Riley respondeu com um sorriso, mas logo estranhou a palidez da amiga.

– Tudo bem com você, Sash?

– Só uma dor de cabeça. Dor de cabeça comum – ressaltou, quando todos os olhares se voltaram para ela. – Não tento mais resistir às visões. É que foi um longo dia.

– Foi mesmo – confirmou Bran, puxando-a para seu lado e sussurrando em seu ouvido algo que a fez sorrir: – Também vamos subir.

E literalmente desapareceu com Sasha.

– Ah, assim não vale! Não é justo usar magia! – reclamou Riley, e correu escada acima.

– Já são três lá em cima, então nós três vamos dar uma olhada neste andar – afirmou Doyle, olhando ao redor. – Prefiro me instalar aqui. Acesso mais fácil à área externa.

– Então nós dois nos instalamos no térreo – decidiu Sawyer, para a frustração de Annika. – Mais perto da cozinha e da comida. Vamos ver o que temos.

Os dois quartos daquele andar ficavam um ao lado do outro. Não eram tão grandes quanto os da casa de Corfu, mas havia camas boas e janelas com uma bela vista.

– Está ótimo – constatou Doyle.

– Ótimo – concordou Sawyer, depois de abrir uma porta que dava para um banheiro.

Era uma porta de deslizar que saía da parede. Annika ficou maravilhada, abrindo e fechando várias vezes, até Sawyer ter que puxá-la dali.

Seguiram para um cômodo com o que Sawyer chamou de bar, uma grande televisão na parede (ela adorava televisão) e uma mesa larga, com bolas coloridas organizadas formando um triângulo sobre o tampo verde.

Annika passou a mão pela superfície.

– Não é grama.

– É feltro – explicou Sawyer. – Uma mesa de bilhar. Excelente! Você gosta de jogar, Doyle?

– E qual homem com séculos de idade nunca jogou bilhar?

– Tenho só algumas décadas de vida, mas já joguei bastante. Vamos ter que disputar uma partida.

Havia um lavabo, depois a cozinha e uma sala de jantar – um local onde também podiam almoçar, como ficou sabendo. Ela notou que Sawyer estava satisfeito ao entrar na cozinha.

Ele perscrutou o cômodo. Alto e magro, movia-se como se nunca tivesse pressa, observava Annika. Teve vontade de passar os dedos por aqueles cabelos dourados com mechas produzidas pelo sol, revoltos e desgrenhados da viagem. E os olhos, cinzentos como o mar à primeira luz prateada do alvorecer, a faziam suspirar.

– Os italianos entendem de cozinha... e de comer.

Agora ela entendia um pouco de cozinha, havia até aprendido a preparar alguns pratos, por isso reconheceu o fogão grande, de muitas bocas, e os fornos. Havia uma ilha central com uma pia, o que a encantou, e outra pia maior, sob uma janela.

Sawyer abriu a caixa que mantinha os alimentos frios; a geladeira, lembrou.

– Geladeira cheia – comentou Sawyer. – Riley não esquece nada. Quer cerveja?

– É claro!

– Anni?

– Não gosto muito. Tem outra coisa?

– Refrigerante e suco. Espere. – Ele apontou para um porta-garrafas. – E vinho.

– De vinho eu gosto.

– Seu desejo é uma ordem.

Sawyer escolheu uma garrafa, passou uma cerveja para Doyle e pegou outra para si. Foi até uma porta.

– Despensa cheia também. Estamos bem servidos.

Ele vasculhou as gavetas até encontrar um saca-rolhas. Sacarolhas: palavra engraçada.

– Não sei quanto aos outros, mas eu estou morrendo de fome – disse Sawyer. – Transportar tantas pessoas e a uma distância dessa deixa a gente sem forças.

– Eu também comeria agora – disse Doyle.

– Vou preparar alguma coisa rápida. Riley tem razão, também achei Sasha pálida. Vamos comer e beber, dar uma relaxada.

– Está bem. Vou dar uma olhada lá fora.

E, com a espada ainda às costas, Doyle saiu por outra porta de vidro.

– Posso ajudar você na cozinha – ofereceu Annika.

– Não quer escolher um quarto?

– Eu gosto de ajudar na cozinha. – *Principalmente com você*, pensou ela.

– Muito bem. Então vamos apostar no simples. Coisa rápida: uma massa na manteiga, temperada com ervas. Temos... sim, temos tomate e muçarela.

– Ele tirou o queijo da geladeira e lhe passou um tomate de uma tigela que estava no balcão. – Sabe cortar?

– Sim, e muito bem.

– Corte umas rodela e depois procure um prato ou uma travessa – pediu ele, erguendo as mãos e afastando uma da outra para indicar o tamanho que queria.

Sawyer tinha mãos grandes, mas não era bruto. A gentileza também era um tipo de força, refletiu Annika.

– Jogue o queijo por cima do tomate – continuou ele, interrompendo seus pensamentos. – E regue com azeite. – Ele pôs um recipiente no balcão.

– Regar, como fazemos com as plantas. Mas só um pouco.

– Isso aí. Depois, pegue isto. – Sawyer foi até a janela, onde havia alguns pequenos vasos de hortaliças, e colheu um ramo. – Manjerição.

– Eu lembro. Realça o sabor.

– Isso. Pique um pouco e polvilhe. Depois, é só moer um pouco de pimenta, e *voilà*.

– Voar lá?

– “E aqui está”, em francês – explicou ele.

– Voar lá!

Animada, Annika fez uma trança para afastar do rosto os cabelos pretos que desciam até a cintura e começou a trabalhar. Enquanto isso, ele colocava a água para ferver e lhe servia o vinho, enquanto tomava cerveja.

Ela gostava daqueles momentos de tranquilidade com Sawyer e aprendera a apreciá-los. Sabia que haveria mais luta, mais sofrimento. Aceitava isso. Mas recebera uma dádiva. Pernas, que lhe permitiam viver na terra, ainda que

por um breve tempo; amigos mais valiosos que ouro; a busca pelas estrelas, que era seu legado e dever.

E, acima de tudo, Sawyer, a quem já amava antes mesmo de ele saber de sua existência.

– Você tem sonhos, Sawyer?

– O quê? – Ele se virou para pegar um escorredor de macarrão e, distraído, olhou de relance para Annika. – Ah, sim. Claro, todos sonham.

– Você sonha com o futuro, quando tivermos cumprido nossa missão, quando tivermos as Estrelas da Sorte? Quando todas as três estiverem a salvo de Nerezza e não precisarmos mais lutar?

– É difícil ver tão longe quando estamos no meio do turbilhão, mas eu penso, sim, sobre isso.

– Qual é o seu maior desejo, quando tudo terminar?

– Não sei. Isso faz parte da minha vida há tanto tempo... Mesmo antes da batalha, já havia a busca.

Ele parou o que estava fazendo para refletir. Também aquilo, o cuidado em prestar atenção, era força.

– Acho que, bem, quando soubermos que fizemos tudo que era preciso, talvez eu só queira que estejamos numa praia, olhando para o céu, contemplando as estrelas. Vendo as três em seu devido lugar, com a satisfação de que conseguimos. Esse é meu grande sonho, um belo sonho.

– Não sonha com riqueza ou com uma vida longa? – Annika olhou para ele antes de acrescentar: – Ou com uma mulher?

– Se eu tivesse uma lâmpada mágica, seria um idiota se não pedisse tudo isso. – Ele parou por um momento e passou a mão pelos cabelos louros bagunçados. – Mas já seria ótimo ter ao meu lado os amigos que lutaram comigo, numa praia quentinha... com uma cerveja gelada. Estaria perfeito.

Annika ia continuar o assunto quando Doyle surgiu na cozinha.

Embora fosse alto e musculoso, ele tinha um andar elegante.

– Aqui não temos todo aquele espaço externo como em Corfu, mas há um bosque de limoeiros que podemos usar para os treinos e há mais privacidade do que eu havia pensado a princípio. Se bem que Bran pode dar uma reforçada. Tem também uma horta, mas também é menor que a de Corfu. E alguns vasos de ervas e tomates no terraço. Vi uma mesa grande lá fora, para refeições, debaixo de um caramanchão coberto de videiras. Fica à sombra, mas as abelhas podem ser um problema. E tem piscina.

– Sério?

– Também menor que a de Corfu. Logo ao lado do pátio. Provavelmente foi por isso que plantaram árvores dos dois lados do terreno: queriam privacidade. Vocês não vão escolher seus quartos?

– Não – respondeu Sawyer. – Pode escolher.

– Está bem. Tenho mesmo que guardar meu equipamento.

No instante em que ele saiu, Riley entrou.

– Vocês leram a minha mente – comentou ela, aproximando-se de Annika e a abraçando pela cintura. – Estou morrendo de fome. O que estão preparando?

– Sawyer está cuidando do macarrão e eu estou fazendo tomate e queijo com azeite e ervas. Vamos comer, beber e dar uma relaxada.

– Maravilha.

– Seu “amigo de um amigo” deixou a cozinha cheia para nós – disse Sawyer.

– Sim, vamos ficar lhe devendo essa. Será que vou de cerveja ou vinho?

– Para se decidir, ela tomou um gole da garrafa de Sawyer e outro da taça de Annika. – Difícil escolher. Como o menu é massa, vou optar pelo vinho. Bran e Sasha já se apropriaram do quarto principal. Como são um casal, achei justo.

– Doyle e eu vamos ficar aqui no térreo. Dois quartos e um banheiro. Está bom.

– Sim, muito bom. Annika, você escolhe entre os outros dois lá de cima. O que sobrar vai ficar para Sasha usar como estúdio e para Bran praticar as magias dele. Aqui tem varandas também. Não dá para ir a pé até a praia, mas podemos pegar o teleférico.

– O que é um teleférico? – perguntou Annika.

– É como um trem, mas no ar. Você paga pela passagem e pode descer na cidade, ou para a praia, ou...

– Quero andar de teleférico! Podemos fazer isso amanhã?

– Talvez. Daqui até as lojas em Anacapri é uma descida íngreme e, na volta, vamos ter que subir tudo de novo. De lá até Capri, só de ônibus ou táxi, se não quisermos penar indo a pé, porque não há carros para alugar em Anacapri. Se a gente precisar de um, até posso arranjar, mas deixaríamos estacionado em Capri. Ou seja, vamos ter que nos virar a pé mesmo ou usar o transporte público. Agora vou dar uma olhadinha lá fora para avaliar o nível de segurança.

– Doyle já fez isso – informou Sawyer, colocando o espaguete na água fervente.

Riley hesitou, olhando de relance para a porta, então deu de ombros.

– Bom, não tem por que eu fazer o que já foi feito.

– A casa tem piscina! – disse Annika.

– É, eu vi. Bem que eu poderia dar um mergulho antes de dormir. Tem uma mesa do lado de fora, não tem? Por que não comemos lá, ao ar livre?

– sugeriu Riley.

– Eu topo – respondeu Sawyer. – Leve as coisas.

Riley pegou um pouco de vinho e ergueu a taça para Sawyer.

– Estou dentro. – Ao ver Sasha entrando na cozinha com Bran, pegou mais uma taça e a ofereceu. – Aqui, Sasha, tome. Vai ajudar você a recuperar a cor.

– Vinho e comida! Sawyer e Annika, vocês são os melhores.

– Isso é cerveja italiana? – perguntou Bran. – Vai cair bem. – Ele pegou uma na geladeira. – E Doyle, onde está?

– Nosso imortal está guardando o equipamento dele – comentou Sawyer, mexendo a panela que exalava vapor. – Vamos ficar com os dois quartos aqui de baixo.

– Então você escolhe o seu lá em cima, Annika.

– Riley pensou em deixar um espaço para você pintar e outro para Bran praticar magia, então é melhor escolherem. Qualquer um está bom para mim.

– Já que você não se importa, vamos ficar com o quarto em frente ao nosso – disse Sasha. – É o menor dos dois que restaram, mas o suficiente para nós. Assim, você ocuparia o que dá vista para a praia. Vai lhe fazer bem dormir e acordar olhando para o mar.

Comovida, Annika a abraçou.

– Obrigada!

– Vou ficar no quarto em frente ao seu – disse Riley. – Mesmo não sendo sereia, adoro uma vista para o mar, mas contemplar um bosque de limoeiros também não é nada mau.

– E dali você ainda vigia a retaguarda – acrescentou Bran.

– Sim – concordou Riley. – Vamos comer lá fora. Assim que eu pegar os pratos.

Encontrou pratos tão coloridos quanto as almofadas do sofá e, com a ajuda de Sasha, saiu para pôr a mesa, enquanto Annika colocava as ervas meticulosamente na travessa.

– É assim? Fiz certo?

Sawyer deu uma olhada rápida.

– Perfeito. Só mais alguns minutos e eu termino por aqui.

– Precisamos de velas! – lembrou ela. – E flores.

E saiu correndo em busca do que considerava essencial a uma refeição.

Sawyer experimentou um fio de espaguete. Satisfeito, apagou o fogo.

– Sasha está bem? – perguntou a Bran.

– Um pouco mais atordoada que nós, eu acho. Nada que um pouco de comida e de descanso não resolva.

Nesse momento, Doyle voltou à cozinha.

– Lancei um feitiço de proteção básico sobre a casa e o terreno – contou Bran –, mas quero colocar mais uma camada ainda hoje. Mais cedo ou mais tarde ela vai nos encontrar, e estará furiosa.

– Sim, ela vai nos encontrar – repetiu Sawyer, despejando o macarrão no escorredor. – Mas vai ser um pouco mais difícil encontrar a Estrela de Fogo, considerando onde e como a escondemos.

– Por isso acho que ela virá com mais força desta vez. – Doyle terminou sua cerveja em um gole só. – Se eu fosse Nerezza, concluiria que subestimei meu inimigo. Ela é orgulhosa. Pensando assim, virá com mais sede de sangue.

– E talvez com mais cautela – acrescentou Bran. – Muito do que ela fez até agora foi movido por raiva e violência. Ficamos baqueados, mas ela ficou mais. Se ela realmente for mais cautelosa desta vez, vai investir mais em estratégia do que em força. Precisamos nos preparar para isso.

– Precisamos comer, isso sim. – Sawyer despejou o macarrão em uma tigela grande, acrescentou a manteiga e as ervas e misturou. – E dormir.

– Tem razão – concordou Bran. – E precisamos fazer uma comemoração, mesmo que curta, por estarmos todos bem, inteiros e juntos.

– E prontos para procurar a próxima estrela – completou Doyle.

Bran assentiu.

– Exato. Se vai ser a de água ou a de gelo, ainda não temos como saber, mas o destino nos enviou para cá, onde a inestimável Riley novamente nos conseguiu um teto, cama e comida. Amanhã podemos planejar nossa estratégia, não?

– Sim. Neste momento, nosso foco é o jantar que já está pronto. Pode pegar aquela bandeja, por favor? E o vinho. E mais uma cerveja para mim.

Sawyer saiu para a noite perfumada pelos limoeiros, uma fatia de lua projetando uma luz azul suave sobre terra e mar.

Annika, sendo Annika, havia montado um buquê de flores com os guardanapos e encontrado algumas velas na casa.

– Não encontrei os... – A palavra lhe fugiu, então ela fez o gesto de rascar um fósforo.

– Os fósforos – completou Sawyer.

– Deixe comigo.

Com um simples estalar de dedos, Bran acendeu as velas.

Sempre animada, Annika deu uma risada e bateu palmas. Depois, correu para abraçar Bran.

– Já abracei Sasha e Riley. Estamos todos juntos neste novo lugar. – Ela se virou para abraçar Doyle, conseguindo arrancar dele um sorriso. – Temos boa comida e bons amigos.

Por último, virou-se para abraçar Sawyer, deliciando-se com o cheiro que lhe era único.

– Nerezza não está com amigos e não pode ter o que temos.

– Ela não *quer* o que temos.

O corpo de Sasha oscilou, mas logo ela se aprumou. Seus olhos, escuros e profundos, viam mais que o mar e a lua.

– Ela não deseja amigos, amor nem afeição. É feita de mentiras, cobiça e ambição, apenas escuridão. Ela é a escuridão. Agora, está enfurecida e conhece a dor, mas em breve voltará a caçar, a tramar, e com certeza virá. Tem sede de sangue. Do nosso sangue. Nada mais pode saciá-la. Ela virá, por mais que encubramos nosso mundo. O Globo de Todos nos encontrará. E Nerezza encontrará alguém, e eles se unirão na caçada. Cegos pela ganância, unidos pela ganância. O deus leva o homem; o homem leva o deus em uma barganha selada com sangue. Nesta ilha, nestas águas, nas canções, nos suspiros, haverá novas batalhas. Sangue derramado, dor fulminante. E a traição virá com sorrisos.

Após uma pausa, Sasha prosseguiu:

– Nesta ilha, nestas águas, nas canções, nos suspiros, a estrela aguarda, azul e pura, os bravos e inocentes. Não é formada por lágrimas, a Estrela de Água, mas haverá lágrimas antes que ela seja descoberta.

Ela oscilou de novo, pálida como um fantasma. Bran a puxou para si e a amparou.

– Apenas respire, *fáidh*.

– Não bloqueei. Juro que não tentei resistir. Eu só... Ficou tudo meio distante.

– Foi a viagem. Nunca tinha levado uma vidente nem nada parecido – disse Sawyer.

– A tal embaralhada no cérebro? – perguntou Riley.

Sawyer a olhou de esguelha.

– Não exatamente, mas talvez a visão apenas precisasse... bem, se ajustar. Quer água, Sasha? Vou buscar.

– Não, não, eu estou bem. Agora me sinto melhor – respondeu ela, ofegante. – Bem melhor. Antes, era como se eu não estivesse conseguindo recuperar o equilíbrio. Agora passou. Acho que pode ter sido mesmo a viagem até aqui. Nossa, foi um dia e tanto também! Só preciso me sentar.

– E comer. – Rapidamente, Annika preparou um prato de macarrão e jogou por cima o tomate e o queijo. – Você precisa comer.

– Vou comer, sim. Todos nós. Isso veio muito rápido! Como se... como se chegasse a toda velocidade e me atingisse com força. A carga é brutal! O sentimento que vem por dentro. A fúria dela, a necessidade de nos destruir. Agora, ela não quer só nos ferir ou nos matar. Ela quer nos destruir.

– Você disse que ela vai encontrar alguém – lembrou Riley. – Um homem.

– Sim, só não sei se é de fato um homem ou apenas um humano. Mas ela encontrará alguém, com quem unirá forças.

– Já não enfrentamos uma deusa? – perguntou Doyle, pondo comida em seu prato. – Um mortal vai ser moleza.

– Falou o imortal – retrucou Riley. – Os humanos são ardilosos e perigosos. Se Nerezza quer se unir a alguém como nós, é porque ele ou ela lhe será útil. Não cante vitória antes do tempo.

Sawyer passou o macarrão para Annika.

– Bem, pelo menos agora sabemos qual estrela estamos procurando em Capri ou na região. Água. Um mistério a menos para solucionar.

– Ela é azul, e linda. De um azul sobrenatural. Não sei se consigo reproduzir o tom com tinta. A Estrela de Fogo brilhava e ardia. Já esta... – Sasha fechou os olhos por um segundo. – Esta brilhava e parecia... ondular. A Estrela de Água, certo? Talvez seja por isso.

Sasha enrolou um pouco de espaguete no garfo e provou.

– Hum, está muito bom, Sawyer – disse, fechando os olhos. – Simplesmente perfeito. Fico encarregada do café da manhã.

– Não, deixe por minha conta. Tire a manhã para descansar.

– Eu posso ajudar de novo – ofereceu-se Annika.

– Viu? Tenho minha *sous chef*, muito disposta e eficiente.

– Eu que fiz esse. – Annika mordeu com cuidado a salada. – E ficou bom.

– Bom pra cacete – concordou Riley, e resolveu repetir. – Vou entrar no meu “modo pesquisa” amanhã. Pode até ser óbvio supor que a Estrela de Água estará no mar, mas a primeira, de fogo, estava na água. Conheço algumas cavernas daqui, tanto em terra quanto no mar. Vou descobrir outras.

– Você mencionou terra e mar – lembrou Bran. – Canções e suspiros.

– Como o que ouvi quando estávamos voando – disse Annika.

– O quê?

– Não voando – corrigiu-se Annika. – Era como voar, ou como imagino que seja. A viagem. As canções e os suspiros quando chegamos aqui.

– Do que você está falando, Annika? – perguntou Bran, seus olhos escuros se voltando para ela.

– Você não ouviu?

– Não. – Ele olhou para os outros. – Acho que mais ninguém ouviu.

– Só ouvi o tornado – disse Riley, que continuava a comer. – Já vi alguns tornados, e é como o teletransporte de Sawyer soa para mim. Quer dizer que você ouviu canções e suspiros?

– Foi muito rápido. Lindo. Fez... – Ela levou a mão em concha ao coração e a abriu, como um desabrochar. – Fez meu coração crescer. Senti vento, vi cores e luz. Foi incrível. Depois veio a música, apenas música, com palavras que eu não distinguia muito bem. E suspiros. Mas não tristes, pelo menos não todos. Doces, mas com certa tristeza. Um pouco de tristeza misturada à alegria. Isso faz algum sentido?

– Ouvidos de sereia, talvez? – especulou Riley. – Estrela de Água, sereia... Interessante. – Ela deu mais uma garfada e sorriu. – Vamos precisar de um barco. Vou providenciar isso.



Mais tarde, quando o silêncio reinava na casa e todos os outros dormiam, Annika saiu para a varanda de seu quarto. O mar a atraía. Ela pertencia a ele, viera dele. Desejou poder voar até lá, nadar um pouco no coração das águas. Mas o mar teria que esperar.

Ela tinha pernas, e gostava delas. No entanto agora que havia contado aos outros o que era – não tivera escolha –, seu tempo entre eles estava terminando.

Desejou para a fatia de lua acima do mar poder cantar e suspirar dentro do coração de Sawyer. Desejou que, nesse tempo que lhe restava, ele sentisse o mesmo por ela, ainda que apenas por um dia.

O dever vinha em primeiro lugar, e ela jamais se esquivaria dele, mas podia nutrir em seu coração a esperança de não só cumprir seu legado, mas também de conhecer o amor antes de voltar ao mar para sempre.